

**A EPIDEMIA DE FEBRE HEMORRÁGICA DA DENGUE (FHD) EM CUBA,  
EM 1981: UMA CONTROVÉRSIA AMERICANA SEM FIM?**

**Huener Silva Gonçalves**

Doutorando em História/UFMG

TAE CEFET-MG

huener@cefetmg.br

A análise da Guerra Fria (1947-1991) propiciou, recentemente, ricas abordagens na História da Ciência, principalmente, quando se refere à saúde internacional (CAMPOS, 2005; CUETO, 2015). Kremmentsov (2002, 2009) destacou a circulação de conhecimentos entre cientistas estadunidenses e soviéticos no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas quanto ao diagnóstico, etiologia e tratamento do câncer, possibilitando formar uma rede transnacional em torno da doença.

Se o câncer propiciou espaço de cooperação entre cientistas de ambos os lados, em um período de tensão política internacional, o mesmo não se verifica na interminável controvérsia entre Cuba e EUA em torno da epidemia de Febre Hemorrágica da Dengue (FHD), ocorrida no país latino-americano, em 1981. Em diálogo com as variáveis apresentadas na dramaturgia das epidemias, proposta por Charles Rosenberg (1992), analisaremos a epidemia, ponto de partida da controvérsia<sup>1</sup>. Após, ancorado na teoria Ator-rede de Bruno Latour (2000, 2001), será observado como mosquitos, vírus, cientistas, políticos, população, entre outros atores, foram mobilizados na formulação de argumentos de ordem política e científica em discursos, documentos oficiais, artigos científicos e de revistas de ampla circulação pelos dois lados da contenda até os dias atuais, disponíveis digitalmente na *web*.

**A epidemia de Febre Hemorrágica da Dengue (FHD) em Cuba (1981)**

Fim de maio de 1981, as chuvas anunciavam o verão cubano, quando um elevado número de pessoas com sintomas de febre, dores de cabeça, abdominais, oculares, musculares, manchas vermelhas na pele, hemorragias, principalmente em crianças, e síndrome do choque em adultos começaram dar entrada em hospitais dos

---

<sup>1</sup> Para Rosenberg (1992), as epidemias, enquanto um drama, seguiriam um roteiro com atos esperados: a negação e gradual reconhecimento do cenário epidêmico; a busca de explicação; as medidas ou reações para o enfrentamento da doença; e a retrospectiva de vários setores sociais com o sentido de formatar conhecimentos sobre o evento.

arredores de Havana (KOURÍ, GUZMÁN TIRADO, BRAVO, 1986)<sup>2</sup>. A escritora Arleen Rodríguez Derivet expôs que um médico conhecido chegou a atender, em longas jornadas, crianças com hemorragia. A enfermeira Mauria Herrera Lobato, que atuava no Hospital Pediátrico Centro Havana, contou que sua jornada passava de 12 horas por dia, descansava na unidade de saúde, e que lá, também, que presenciou o drama do falecimento de sua sobrinha de 5 anos pela doença (MESA REDONDA, 2002).

Como se percebe pelos relatos, médicos, enfermeiras, cozinheiros, entre outros profissionais atuantes nas unidades de saúde pública cubana, desdobraram-se em longos expedientes, chegando até virar noites trabalhando. Diante do grave cenário, escolas foram transformadas em hospitais. Vivenciou-se a experiência das “mães enfermeiras”, tão elogiadas por Fidel Castro. Sustentava-se a Revolução (MESA REDONDA, 2002).

Por outro lado, a professora Gladys Linares (2014) recordou que temeu pela sua vida, de seu esposo e de sua filha, pois tinham contraído o vírus DEN-1 na epidemia de 1977, em Cuba, reduzindo a quantidade de plaquetas, propiciando uma situação de risco de morte, se infectados fossem pelo vírus DEN-2. Criticou o governo cubano, que pouco fazia para solucionar o “saneamento deficitário”, controlar a infestação do *Aedes aegypt* e criar uma estratégia de isolamento de viajantes oriundos de regiões endêmicas.

As autoridades da saúde, preliminarmente, trataram os casos como meningite aguda, endêmica no país. Cientistas do Instituto de Medicina Tropical Pedro Kourí (IPK), importante apoio na construção de políticas de saúde pública cubana, liderados pelo médico Gustavo Pedro Kourí Flores, passaram a estudar epidemiologicamente e laboratorialmente a moléstia. Logo, levantou-se a hipótese de que a proliferação da doença poderia estar relacionada à infestação do mosquito *Aedes aegypt*, visto nas regiões em que brotavam os casos. Em junho, o IPK divulgou o isolamento do vírus DEN-2, causador da FHD, presente, pela primeira vez, como epidemia nas Américas, cuja etiologia tinha o mosquito como transmissor (KOURÍ, GUZMÁN TIRADO, BRAVO, 1986).

---

<sup>2</sup> Posteriormente, Guzmán Tirado (2012) ressaltou que estudos epidemiológicos retrospectivos apontaram que os primeiros casos da doença grassaram em Havana, Cienfuegos e Camagüey, no final de 1980, confirmando a hipótese de Bill Schaap (1982). Entretanto, o tratamento de epidemia à doença só se daria a partir de fins de maio de 1981, com a elevação do número de internados por conta dos sintomas característicos da FHD. Tal constatação sugere que houve um processo de negação da doença.

Confirmada a doença e seu vetor, o Ministério de Saúde Cubano atuou em duas frentes: uma de prevenção, com a conscientização da população quanto ao papel do *Aedes aegypti*, com o intuito de reduzir a sua infestação, e, por outro lado, ressaltou-se o diagnóstico e tratamento dos abatidos pela doença, ampliando-se os serviços nas unidades de saúde, priorizando crianças, idosos e portadores de outras doenças, que tinham seus riscos potencializados com a doença. Para casos de menor gravidade foram indicados o repouso domiciliar e a administração de acetaminofeno, atual paracetamol, ou dipirona, conforme sugeria a OMS (MARTINEZ et al. 1987).

A mídia teve importante papel nesse processo. Em Cienfuegos, o jornal *Cinco de Septiembre* e a Rádio *Ciudad del Mar* participaram de reuniões com as comissões responsáveis pela campanha estatal, informaram sobre a evolução do número de casos e das medidas tomadas pelo governo central e local e propagaram para o público medidas preventivas e de tratamento. Quando oportuno, denunciavam e criticavam a falta de drenagem em algumas áreas, o descuido com equipamentos abandonados em locais de trabalho, que poderiam servir de criadouros para o inseto (CAPRI, 2014).

Para financiar as ações estatais, foram investidos, com o apoio da URSS, a soma de 103.131.463 milhões de dólares. Após 4 meses de campanha estatal, a epidemia estava debelada, contabilizando 344.203 casos, levando à morte 158 vítimas, sendo 101 crianças, 57 adultos, e cerca de 80% brancos (KOURÍ, GUZMÁN TIRADO, BRAVO, 1986).

Vencida a epidemia, uma pergunta seguia sem resposta: qual era a origem do vírus que circulou no país? Tal pergunta teve sua primeira resposta ainda no decorrer da epidemia, quando a doença já ceifara 113 vidas (DICKY, 1981).

### **O início da controvérsia: o Discurso de Castro, as respostas dos EUA e da Ciência**

Após repercutir sobre a recuperação da economia cubana, em discurso celebrativo do XXVIII Aniversário del asalto al Cuartel Moncada e do XX Aniversário de Girón, eventos relacionados ao processo revolucionário cubano, em Las Tunas, em 26 de julho, o Líder Cubano, Fidel Castro, falando em cadeia nacional de rádio e televisão para 75 mil pessoas, acusou a Agência Central de Inteligência dos EUA (CIA) de praticar bioterrorismo contra os cubanos, com o fim de extinguir o Regime e a

Revolução (CUBA..., 1981; DICKEY, 1981). Conforme Castro, as autoridades e a população acreditavam que pragas disseminadas em anos anteriores eram ações do imperialismo estadunidense no país. Justificando essa crença, comentou sobre a existência de relatórios do Senado estadunidense que investigaram a produção, armazenamento e uso de armas biológicas pela CIA. Ele salientou que existiam indícios de que o vírus da FHD foi coletado em soldados estadunidenses na Coreia e no Vietnã, e que ocorreram ensaios militares na Flórida, com o uso em massa do *Aedes Aegypt*. Lembrou-se das tentativas de atentados patrocinados pela agência contra a sua vida na década de 1960 e que a postura do Presidente Ronald Reagan significava a volta de interferências dos EUA sobre sua nação. Por fim, declarou que, por conta do Embargo de Washington (1962), empresas com capital estadunidense se recusaram a ajudar o país no combate à doença e, por não receber a ajuda prometida pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS), teve que importar inseticida da Europa, tornando ainda mais dispendiosa a campanha (CUBA..., 1981).

Nos EUA, jornais como *The Washington Post* (*Castro acusa novamente os EUA por guerra biológica*), em matéria publicada no dia 27 de julho, e no *The New York Times* (*Epidemia em Cuba desencadeia disputa com os EUA*), em matéria publicada em 06 de setembro, repercutiram sobre o discurso, destacando seus pontos polêmicos. Dean Fisher, Porta-voz do Departamento de Estado, ridicularizou o discurso ao ressaltar que Castro sempre imputou o fracasso da Revolução e problemas internos aos EUA e a outros inimigos externos. Para ele, o vírus foi espalhado na ilha por militares cubanos regressados de Angola. Ademais, informou que, em 17 de julho, em solidariedade ao povo cubano, o Departamento de Comércio do EUA aprovou junto a OPAS o financiamento e envio de 300 toneladas de inseticida ABATE para colaborar no combate a epidemia naquele país (DICKEY, 1981). Por fim, para o Chefe de Doenças Transmissíveis da OPAS, Ronald Saint John, o grande número de mortos pela FHD em Cuba se relacionava a epidemia de DEN-1, em 1977, naquele país (EPIDEMIC, 1981).

Insatisfeito com a resposta estadunidense, em setembro, Fidel Castro, no discurso de abertura da 68ª Conferência Mundial da União Interparlamentar, em Havana, acusou, novamente, o governo Reagan de causar a epidemia. Em resposta, o senador estadunidense, Robert Stafford, comentou que aquilo era um insulto e que os

EUA não se esqueceriam (SENADOR, 1981). Ainda naquele mês, na abertura da Assembleia Geral da ONU, o Ministro de Assuntos Exteriores de Cuba, Isidoro Malmierca Peoli, reforçou as acusações castristas (ZILINSKAS, 1999).

Apesar de não citarem Fidel Castro, as acusações cubanas ganharam simpatizantes nos EUA. Em 1982, a revista estadunidense *Covert Action Information Bulletin*, especializada em focar as ações secretas da CIA e das Forças Armadas, publicou o artigo *Guerra Biológica dos EUA - A Epidemia de Dengue de Cuba de 1981*, de autoria de Bill Schaap, codinome de William Herman Schaap. Nele, a epidemia era um sinal de que a programa de armas biológicas dos EUA continuava ativo, tendo como Cuba campo privilegiado de testes desde 1962. Fundamentado em dados da OPAS e denúncias de experimentos por ex-cientistas militares do governo dos EUA, levantou as seguintes pistas, que sugerem a introdução da epidemia como obra da CIA: as vítimas não teriam viajado para regiões endêmicas, sintomas da doença não foram diagnosticados naqueles que tinham desembarcado do exterior; mosquitos infectados apareceram simultaneamente em três regiões distintas do país; inexistência de registros de epidemias semelhantes em outros países próximos; possibilidade de manipulação do clima, dobrando a média pluviométrica histórica em março, ampliando a infestação do *Aedes aegypti*; inúmeros relatos de cientistas militares envolvidos com pesquisas relacionadas ao vírus e ao vetor financiadas com recursos governamentais específicos. Por fim, levantou a hipótese de que a doença teria se disseminado a partir da Base estadunidense de Guantánamo. Concluiu, pelos dados levantados, pela história da relação EUA-Cuba e pelo caráter belicista dos EUA, que deveria ser dado o benefício da dúvida (SCHAAP, 1982).

Apoio, também, foi dado por jornais soviéticos, como o *Krasnaya Zvezda* que, em abril de 1984, reforçou a acusação cubana (URSS, 1984). Ainda em setembro, outra manifestação favorável ocorreu no XI Congresso de Internacional de Medicina Tropical, no Canadá. Após discorrer sobre os dados epidemiológicos da epidemia, o cientista do IPK e subministro da saúde pública de Cuba, Gustavo Kourí, leu uma declaração denunciando a introdução intencional do vírus, tendo os EUA como principal suspeito. Inicialmente, a declaração causou silêncio, mas, depois, houve aplausos de alguns e

outros deixaram o auditório (CABRERA, 2016). Para além do congresso, o discurso encontrou eco na imprensa do Leste Europeu (U.S., 1985).

Em 1985, o Departamento de Estado dos EUA divulgava o artigo *Estudo de Caso da Hipocrisia Cubana: A Epidemia de Dengue de 1981 em Cuba*, listando falhas e omissões do Regime Castrista, provando se tratar de acusação caluniosa contra os EUA: a descontinuidade da campanha de erradicação do mosquito em 1967, favorecendo a reinfestação do *Aedes aegypt*, a falta de inseticidas, o sucateamento de equipamento e despreparo de pessoal para o enfrentamento de epidemias; menosprezo dos resultados da epidemia de DEN-1, em 1977, e das recomendações da OPAS e do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos EUA no que se refere a investimentos relativo a prevenção da doença; ressaltou-se que as contínuas acusações de autoridades cubanas faziam parte de uma campanha de difamação mundial dos EUA; e defendeu que o vírus foi introduzido por cubanos que retornaram de suas missões de áreas endêmicas. Por fim, foram anexadas as mensagens trocadas entre as diplomacias dos dois países: uma dos EUA para Cuba, em 20 de novembro de 1984, tendo uma réplica cubana em 4 de dezembro, e uma tréplica dos EUA em 5 de abril de 1985. Nas mensagens, ambos os lados visaram sustentar as acusações já feitas e apresentar novos elementos, principalmente publicações jornalísticas e científicas, no sentido de desqualificar o oponente. Um dos pontos de maior controvérsia se referia a uma declaração dada pelo terrorista Eduardo Victor Arocena Perez, em sessão de julgamento na Corte Federal dos EUA, em 1984. Na visão cubana, expressa pela revista *Trabajadores*, Arocena teria indicado que a introdução de germes em Cuba era uma possibilidade de ação terrorista dos Comandos Omega 7, organização atuante entre 1975 e 1983, caracterizada por se opor ao regime cubano e treinada pela CIA. Portanto, podia se inferir que a epidemia de FHD, em 1981, era fruto de tais ações. Para os estadunidenses, o terrorista apenas teria admitido colaboração na articulação de ações terroristas e não indicado que o vírus DEN-2, ou qualquer outro germe, foi, de fato, introduzido em Cuba. Portanto, a publicação servia apenas para difamar os EUA. Em réplica, as autoridades cubanas indicaram que a revista não era estatal, mas reafirmaram que o relato de Arocena abria margem para a interpretação feita. Por fim, a diplomacia estadunidense sustentou sua discordância da interpretação e assinalou que a revista

citada se subsidiava em informações do período oficial Prensa Latina (U.S., 1985). Após isso, não houve retorno cubano. Por outro lado, o jornal sandinista *Barricada*, em setembro de 1985, publicou em sua primeira página as alegações de Daniel Ortega, sugerindo que, como em Cuba, a epidemia de dengue que assolava seu país era uma ação bioterrorista dos EUA (U.S., 1985).

Se os atores políticos e midiáticos tomaram partido de Cuba ou dos EUA, o mesmo não se observou objetivamente em artigos científicos produzidos por cientistas cubanos. Em 1986, os pesquisadores do IPK, Gustavo Kourí, Maria Guadalupe Guzmán Tirado e José Bravo, publicaram um artigo no Boletín da Oficina Sanitaria Panamericana sobre o evento epidêmico<sup>3</sup>. Em *Dengue Hemorrágico em Cuba, crônica de uma epidemia*, tratou-se, brevemente, do histórico do isolamento do vírus da doença no mundo, a ocorrência da doença em Cuba, o processo de reconhecimento da epidemia em 1981, o seu contexto epidemiológico, destacando-se o quadro clínico dos doentes, a morbidade, a hospitalização, os casos graves, a mortalidade e a letalidade da doença. Por fim, reforçaram que a FHD era mais aguda nos infectados por outro tipo de vírus da dengue.

Já *Alguns aspectos clínicos durante a Epidemia de Dengue Hemorrágica em Cuba*, publicado no periódico brasileiro Cadernos de Saúde Pública pelos médicos cubanos Carlos Dotres Martinez, Gladys Fallat Machado, Eric Martinez Torres, Roberto Carpio Sabatela, Eulogio Hernandez e Manuel Rojo Concepcion, atuantes em instituições de atendimento pediátrico em Havana, focou os aspectos clínicos da doença, principalmente, sobre as crianças<sup>4</sup>. Os autores traçaram o breve histórico da doença em Cuba, enfatizando a epidemia de 1981, os principais aspectos organizativos da atenção médica durante a epidemia em Cuba, a revisão de algumas características da doença em crianças hospitalizadas em Havana, ressaltando-se a distribuição temporal de casos, idade, sexo, raça e estado nutricional, alguns aspectos terapêuticos durante a epidemia e características gerais dos falecidos.

---

<sup>3</sup> Diante de sua atuação na epidemia, o IPK passou a integrar o Programa Internacional de Investigação da FHD com financiamento do Centro Internacional de Investigações para o Desenvolvimento (CIID, Canadá) (KOURÍ, GUZMÁN TIRADO, BRAVO, 1986).

<sup>4</sup> Hospital Universitario Pediátrico del Cerro, Policlínico Angel Almejeiras, Hospital Pediátrico Willian Soler, Hospital Pediátrico Pedro Borrás.

Em suma, os dois artigos são representativos da busca de explicação da epidemia pela epidemiologia e pela análise clínica. A década de 1990 presenciará a introdução da técnica de sequenciamento genético pelos cientistas do IPK, favorecendo indicar, com maior precisão, a origem da cepa do DEN-2 que assolou Cuba em 1981, o que também renovará a controvérsia no campo político.

### **Da década de 1990 ao estágio atual da controvérsia**

Os anos 1990 foram marcados pela continuidade das acusações cubanas e por acusações estadunidenses de desenvolvimento de tecnologia propícia para armas biológicas por Cuba. Esforços de esclarecimento das acusações foram em vão. Em um deles, em 1999, os estadunidenses solicitaram esclarecimentos sobre investigações do Pentágono que apontavam para a existência de armas biológicas em Cuba. Já os Cubanos, lembrando a acusação de introdução do vírus DEN-2 no país pela CIA, em 1981, exigiram uma indenização de 181 milhões de dólares, relativa às perdas humanas durante a epidemia. Ao fim, não houve acordo entre as partes (TORRES, 2016).

Nesse contexto, o cientista microbiologista lituano, naturalizado estadunidense, Raymond A. Zilinskas, do Center for Nonproliferation Studies, Monterey Institute of International Studies, EUA, publicava na *Critical Reviews in Microbiology*, talvez, o primeiro artigo acadêmico tomando partido na contenda. Em *Alegações cubanas de guerra biológica pelos EUA: avaliando as evidências*, o cientista, de maneira geral, problematizou a acusação cubana de que agentes ou outros indivíduos treinados pela CIA, ou outras agências estadunidenses, promoveram ações de guerra biológica contra o seu povo. Ao longo do artigo o autor se propôs a analisar 11 supostos casos desse tipo de natureza, entre 1964 e 1997, tendo como fontes transmissões televisivas, radiofônicas, artigos científicos e de grande circulação, livros e entrevistas de cientistas.

No que se refere à acusação de introdução do vírus DEN-2 em Cuba pelos EUA, o cientista traçou um breve histórico das epidemias de dengue, desde o final do século XVIII, e do processo de isolamento das cepas dos vírus transmissores da doença, com destaque para o isolamento do DEN-2 na Tailândia, em 1950, e na Jamaica, em 1963. Recordou que no fim da década de 1960 vários governos na América Latina conseguiram erradicar o *Aedes aegypt*, levando-os a desativar seus programas, em um

momento que se viveu o boom das viagens aéreas, a produção de pneumáticos e de embalagens descartáveis e da urbanização desordenada nas periferias. Sobre as evidências levantadas por autoridades cubanas e apoiadores, Zilinskas apontou para falta de dados e informações, tornando-os inválidos ou irrelevantes. Por fim, como os defensores dos EUA, concluiu que a epidemia foi fruto da descontinuidade de investimentos em atualização de equipamentos e pessoal, aquisição de pesticidas e maior controle na entrada de cubanos e estrangeiros que desembarcavam de regiões de reconhecida endemicidade da doença.

No alvorecer do século XXI, a questão retornaria como um dos efeitos dos ataques do 11 de setembro de 2001 às torres do World Trade Center, em Nova York. Em meio aos discursos de autoridades do Governo George W. Bush, em 2002, como Colin Powell, secretário de Estado, e John Bolton, subsecretário de Estado, que, por acreditarem que os cubanos estariam desenvolvendo armas biológicas, defenderam a inclusão da ilha no “Eixo do Mal” (EUA, 2002). Para além de repercussões na mídia estadunidense, Jimmy Carter, ex-presidente dos EUA, que na época estava em Cuba, afirmou que não havia encontrado esse tipo de arma nos laboratórios por ele visitado. Em Cuba, como esperado, Fidel Castro fez um discurso desqualificando as acusações como “mentiras olímpicas” e afirmou que as pesquisas visavam produzir vacinas e remédios com fins de ajuda humanitária (CARTER, 2002a, 2002b). Na mídia, o programa Mesa Redonda, da Televisão Cubana, com o tema *Quem são os verdadeiros terroristas?*, rememorou com relatos do apresentador Randy Alonso, da escritora Arleen Rodríguez Derivet e da enfermeira Mauria Herrera Lobato, as acusações contra os EUA e os horrores da epidemia de FHD, em 1981 (MESA REDONDA, 2002).

Quanto à produção científica cubana sobre a epidemia, destaque continuava tendo os cientistas do IPK ao longo do período, sobretudo, a pesquisadora Maria Guzmán Tirado. Em 1995, é publicado no *The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, o artigo *Sequências parciais de nucleotídeos e aminoácidos do envelope e a junção do gene envelope-não-estrutural não-estrutural de quatro cepas do vírus da dengue-2 isoladas durante a epidemia cubana de 1981*, divisor de águas por trazer os primeiros resultados de uma pesquisa que fazia uso da técnica de sequenciação genética para identificar a origem da cepa do DEN-2 que circulou na epidemia de 1981. A

conclusão, preliminar, era de que a cepa isolada era mais similar geneticamente à isolada em Nova Guiné (1944), Tailândia (1964), Sri Lanka (1968) e Birmânia (1976) do que a isolada no Vietnã e na Jamaica. Notou-se também que o vírus sofrera mutações em um de seus nucleotídeos no decorrer da epidemia. Essas conclusões seriam retomadas em *Trinta anos depois da epidemia cubana de dengue hemorrágico em 1981*, publicado na Revista Cubana de Medicina Tropical, em 2012, e, em *Primeira epidemia de dengue hemorrágica nas Américas. 1981: conhecimentos adicionais sobre o agente causador*, publicado na revista alemã *Archives de Virology*, em 2014.

Nesse último trabalho, Guzmán Tirado, em companhia de Rosmari Rodriguez-Roche e Yoandra Hinojosa, fizeram uma revisão de dados históricos e epidemiológicos sobre a epidemia de FHD de 1981. Reforçou-se o fato de se tratar da primeira grande epidemia da doença, com seu diagnóstico reconhecido clínica e laboratorialmente, nas Américas. Ressaltaram que, na época, a origem do vírus, cujos dados sugeriram ser do Sudeste Asiático, se colocou como questão controversa. Os novos resultados do sequenciamento genético reforçaram os resultados apresentados em 1995: as cepas do vírus DEN-2 se assemelhavam às existentes na Ásia e sofreram mutações no decorrer do processo epidêmico em 1981. Tais resultados circulariam em 2016 na mídia, e seriam apropriados por defensores e críticos do regime cubano, marcando, até o momento, o último capítulo da controvérsia.

Em janeiro, a jornalista Marieta Cabrera publicava o artigo *A ciência desnuda um crime contra Cuba*, na *Bohemia, Revista Cubana de Actualidad General*, com sede em Havana. Nele, a autora reproduziu dados dos artigos divulgados por pesquisadores do IPK, em 1995 e 2014, e trechos da entrevista realizada com uma das referências científicas do instituto Rosmari Rodríguez-Roche. Introdutoriamente, recordou da declaração de Gustavo Kourí em congresso no Canadá, em 1984, referendando a acusação feita por Castro. Em seguida, realçou que os artigos de 1995 e 2014 apontavam para a semelhança entre a cepa que circulou em Cuba, em 1981, e a isolada em Guiné, em 1944. Sobre essa característica, Cabrera citou o seguinte trecho de entrevista realizada Roche:

depois de constatar a grande semelhança das cepas cubanas de 1981 com a de referência antes mencionada, se demonstrou que, como as primeiras não tinham suficientes mutações em relação à segunda, não se tratava,

efetivamente, de um vírus que estava circulando na natureza, mas de uma cepa de laboratório (CABRERA, 2016).

Na entrevista, Rodríguez-Roche também afirmou que a simultaneidade do início da epidemia em três regiões distintas do país deveria ser melhor analisada. E mais, os resultados publicados em 2014 apontaram que Cuba não exportou a doença para outras partes da América. Tais dados e declarações da pesquisadora, não deixava dúvida, para Cabrera: de que o nocivo vírus foi introduzido, intencionalmente, em Cuba.

Em outro trecho da entrevista, a cientista reforçou que o estudo abriu novas fronteiras para o tema e enfatizou a necessidade de formulação de um modelo que permita entender as mutações a luz da presença ou não de anticorpos para um sorotipo diferente, e como essas podem interferir na replicação viral. Por fim, homenageou o médico Pedro Más Lago, responsável por isolar a cepa do vírus responsável pela epidemia de 1977, em Cuba, e por postular, juntamente com Gustavo Kourí, a hipótese de que o vírus de 1981 foi introduzido intencionalmente na ilha, ou seja, configurando-se uma agressão biológica.

O artigo renderia duas repercussões: sites assumidamente pró-regime cubano, como o *Cubadebate*, o reproduziram com o título *A dengue foi introduzida deliberadamente em Cuba em 1981: A ciência confirma um crime dos EUA*, já o *El Nuevo Herald*, sediado na Florida, e crítico ao regime cubano, publicou o artigo da jornalista Nora Gámez Torres, *Cuba desenterra acusações de guerra biológica contra EUA*, com sentido de esclarecer os dados científicos e denunciar o fim político dos mesmos.

Inicialmente, Torres denunciou que a imprensa cubana usou a divulgação do êxito da publicação da pesquisa na revista *Archives of Virology*, em 2014, para resgatar a acusação de que os EUA introduziu o vírus DEN-2 naquele país em 1981, cujos dados seriam prova científica inquestionável da atrocidade. Para apontar o uso político dos dados, ressaltou que o artigo científico só foi lembrado pela imprensa dois anos depois de publicado na Alemanha. Além disso, relatou que a versão do artigo de Cabrera, que circulou pelo periódico *Cubadebate*, e identificava, em seu título, os EUA como culpados, foi reproduzida pela imprensa russa e venezuelana. Ademais, segundo a jornalista, o texto não se atentou para as contradições das declarações dadas pela pesquisadora Rodríguez-Roche, como a de que primeiramente rechaçou a hipótese de

contaminação do vírus via laboratório, por conta das mutações que sofreu ao longo da epidemia e, depois, afirmou que a semelhança entre as cepas cubanas e a asiática isolada há décadas demonstravam que se tratava de um vírus de laboratório. Sem considerar a contradição, Cabrera concluiu que se tratava de confirmava um crime contra Cuba (TORRES, 2016)

Buscando credibilidade para refutar os posicionamentos acerca dos dados, Torres recorreu à opinião de Carlos Arturo Espinal e Sadie J. Ryan, cientistas da Universidade Internacional da Flórida, atuantes em projetos relacionados a doenças infecciosas e à dengue. Embasada nesses, a jornalista é categórica ao afirmar que o artigo das cientistas do IPK, ao detalhar a linhagem genética das variantes do vírus encontradas em Cuba, e sua evolução ao longo do evento epidêmico, confirmou que se tratava de um subgrupo da cepa DEN-2 asiática. Ela citou que o artigo científico afirmou que os primeiros casos da doença foram diagnosticados entre cubanos que não tinham retornado do estrangeiro, e que uma parte substancial das mortes era de pessoas acometidas pela dengue clássica em 1977.

Outro argumento refutado foi a premissa de que a aparição do vírus DEN-2 foi um evento isolado e estranho, por ter ocorrido simultaneamente em 3 regiões cubanas distantes, o que sustentava as acusações do governo cubano. Torres salientou que o artigo científico, que segue a linha de estudos retrospectivos desenvolvidos no IPK desde a década de 1990, apontou para a circulação do vírus na América Latina na década de 1980 e para as citadas origens geográficas da epidemia. Porém, ao citar o artigo produzido por Gustavo Kourí, Guzmán Tirado e José Bravo, em 1986, reforçou que a epidemia teria começado na periferia de Havana, e dali se espalhado pelo restante do país.

Apesar de considerar a dificuldade ao acesso da documentação sobre Cuba no Arquivo de Segurança Nacional dos EUA, relatada por Peter Kornbluh, Diretor do Projeto de documentação de Chile e Cuba, Torres defendeu que houve a descontinuidade do programa de desenvolvimento de armas biológicas, entre 1940 e 1969, no Fort Detrick e outros laboratórios, pelo Presidente Richard Nixon, inviabilizando a tese de guerra biológica contra Cuba após tal data.

Ao término, citou o reconhecimento do trabalho desenvolvido por Guzmán Tirado e sua equipe no Departamento de Virologia, no IPK, e no Centro de colaboração do escritório regional para as Américas da OMS pelo cientista Carlos Espinal, que inclusive já rendeu parcerias entre eles. Finalmente, Torres ressaltou que não houve retornos por parte de Guzmán Tirado e Roche às suas solicitações de posicionamento.

### **Considerações finais**

Seguir a epidemia de FHD de 1981, em Cuba, em diálogo com elementos da dramaturgia das epidemias, e a controvérsia dela originada, após o discurso de Fidel Castro, amparado pela teoria Ator-rede, possibilitou revelar uma intriga histórica, quase conspiratória, em que a doença aglutinou aspectos políticos, militares, diplomáticos, da ciência, e da saúde.

Quanto a relação estabelecida pelos cientistas com a polêmica, observou-se, da parte dos cubanos, sobretudo do IPK, a intenção de manter certo distanciamento quando se procurou publicar em periódicos de grande credibilidade científica internacionalmente. Porém, a entrevista de Rosmari Rodriguez-Roche e a declaração de Gustavo Kourí, no *XI International Congress for Tropical Medicine and Malária*, em 1984, sugerem que, internamente, manifestavam-se pró-regime. Tais posicionamentos apontam para a busca de credibilidade internacional, com parcerias como a celebrada com a OMS e com o CIID do Canadá, e financiamento interno pelo Regime Castrista. No que se refere aos cientistas americanos, verificou-se que um grupo, tendo como representantes Raymond Zilinskas, Carlos Espinal e Sadie Ryan, atuou problematizando as acusações cubanas e a forma como os dados de pesquisas foram utilizados por partidários pró-regime, evitando o choque direto com os cientistas cubanos. Outros foram mobilizados por partidários da causa cubana no sentido de sustentar as acusações.

Por fim, o atual estágio da controvérsia, alimentado pela apropriação dos dados do artigo publicado pelas pesquisadoras do IPK em de 2014, sugere que ela está longe de terminar. A introdução da técnica de sequenciação genética pelos cientistas cubanos trouxe à luz novos dados sobre as origens do vírus DEN-2, um dos protagonistas da epidemia de 1981. Porém, apesar de inconclusivos, não impediu que novos elementos fossem incorporados à polêmica contenda. Notou-se que a controvérsia em torno da

origem da epidemia de FHD, de 1981, ganhou fôlego em momentos de tensão política envolvendo EUA e Cuba ou quando partidários pró-regime e críticos faziam uso da mídia para se posicionar. Será que a proibição de visitas de cruzeiros estadunidenses a Cuba pelo Presidente dos EUA, Donald Trump, em junho de 2019, poderá render mais um capítulo ao imbróglio? Cenas dos próximos capítulos...

### **Fontes e referências bibliográficas**

CABRERA, Marieta. La ciencia desnuda un crimen contra Cuba. **Bohemia - Revista Cubana de Actualidad General**. Havana, Cuba, 29 jan. 2016. Disponível em: <http://bohemia.cu/ciencia/2016/01/la-ciencia-desnuda-un-crimen-de-ee-uu-contra-cuba-en-1981/>. Acesso em: 30 mar. 2018.

CAMPOS, A. L. V. O Serviço Especial de Saúde Pública: Políticas Internacionais e respostas locais. **História em Revista**. Pelotas, v.11. p. 37-61. dez/2005.

CAPRI, O. G. Recontextualizando una experiencia: El dengue, 1981. **Revista Cubadebate**, 25 mai. 2014. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/opinion/2014/05/25/recontextualizando-una-experiencia-dengue-en-1981/>. Acesso em: 28 mai. 2019.

CARTER diz que Cuba não produz armas biológicas. **BBC Brasil**, 14 mai. 2002a. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020513\\_cubacg.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020513_cubacg.shtml). Acesso em: 18 mai. 2019.

CARTER faz discurso histórico em Cuba e pede fim de embargo. **BBC Brasil**, 15 mai. 2002b. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020515\\_carterdi.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020515_carterdi.shtml). Acesso em: 18 mai. 2019.

CUBA. Presidente (1976-2008: Fidel Alejandro Castro Ruz). **Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central con motivo del XXVIII Aniversario del asalto al Cuartel Moncada, celebrado en Las Tunas, el 26 de julio de 1981, Año del XX Aniversario de Girón**. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1981/esp/f260781e.html>. Acesso em 20 mar. 2018.

CUBA exige investigação formal contra EUA por guerra biológica. **Folha de São Paulo**, 26 ago. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft260808.htm>. Acesso em: 18 mai. 2019.

CUETO, Marcos. **Saúde Global: uma breve História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

DICKEY, J. Castro on the Attack Again with Hints of U.S. Biological Warfare. **The Washington Post**, 29 jul. 1981. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1981/07/29/castro-on-the-attack-again-with-hints-of-us-biological-warfare/2e3d5172-9d42-442d-9870-5b6c2b5f44/?noredirect=on>. Acesso em: 29 mar. 2018.

EPIDEMIC in Cuba sets off dispute with U.S. **The New York Times**, 06 set. 1981. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1981/09/06/world/epidemic-in-cuba-sets-off-dispute-with-us.html>. Acesso em: 28 mar. 2018.

EUA incluem Cuba, Líbia e Síria no 'eixo do mal'. **BBC Brasil**, 6 mai. 2002. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020506\\_eixoro.shtml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/020506_eixoro.shtml). Acesso em: 18 mai. 2019.

GUZMÁN TIRADO, M.G. Treinta años después de la epidemia cubana de dengue hemorrágico en 1981. **Rev Cubana Med Trop**, HaVana, v. 64, n. 1, p. 5-14, abr. 2012. Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0375-07602012000100001&lng=es&nrm=iso](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0375-07602012000100001&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 18 jul. 2019.

KOURÍ FLORES, G. P. K.; GUZMÁN TIRADO, M. G.; BRAVO, J. Dengue hemorrágico en Cuba. Crónica de una epidemia. **Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana**, v.100, n.3, p. 322-9, 1986. Disponível em: <http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/15825/v100n3p322.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 mar. 2018.

KREMENTSOV, N. **The cure: a story of cancer and politics from the annals of the Cold War**. Chicago: University of Chicago Press. 2002.

\_\_\_\_\_. Trypanosoma cruzi, cancer and the Cold War. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, jul. 2009, p.75-94. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702009000500005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702009000500005&lng=en&nrm=iso). Acesso em 28 jul. 2019.

LATOUR, B. A Esperança de Pandora. Bauru: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Unesp, 2000.

LINARES, G. Dengue hemorrágico de 1981, muy malos recuerdos. Cubanet, Miami, EUA, 20 ago. 2014. Disponível em: <https://www.cubonet.org/destacados/dengue-hemorragico-de-1981-muy-malos-recuerdos/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

MARTINEZ, C. D. et al. Algunos aspectos clínicos durante la epidemia de Dengue hemorrágico en Cuba, 1987. *Cad. Saúde Pública*, Jun 1987, vol.3, no.2, p.148-157. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v3n2/v3n2a03>. Acesso em: 28 mai. 2019.

MESA-REDONDA. “Quem são os verdadeiros terroristas?”, realizada nos estúdios da Televisão Cubana, em 23 de maio de 2002, “Ano dos Heróis Prisioneiros do Império”

<http://www.cuba.cu/gobierno/documentos/2002/por/m230502p.html>. Acesso em: 28 mar. 2018.

RODRIGUEZ-ROCHE, R.; GUZMÁN TIRADO, M. G.; HINOJOSA, Y. **First dengue haemorrhagic fever epidemic in the Americas, 1981: insights into the causative agente**. Archives de Virology – International Union of Microbiological Societies, v. 159, n. 12, p. 3239- 3247, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s00705-014-2188-y?no-access=true>. Acesso em: 28 mar. 2019.

ROSENBERG, C. E. **Explaining epidemics and other studies in the History of Medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

SCHAAP, B. The 1981 Cuba Dengue Epidemic. *Covert Action Information Bulletin*, Washington, n. 17, 1982. p. 28-32.

SENADOR Stafford afirma que EUA não esquecerão “insulto” de Fidel Castro. **Jornal do Brasil**, 17 set. 1981, Internacional, 1º Caderno, p. 12. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/30315](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/30315). Acesso em 28 mar. 2019.

URSS acusa os EUA de envenenarem Cuba. **Diário do Pará**, Belém, 19 abr. 1984, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/644781/732>. Acesso em: 28 mar. 2019.

GUZMÁN TIRADO, M.G. et al. Partial nucleotide and amino acid sequences of the envelope and the envelope/nonstructural protein-1 gene junction of four dengue-2 virus strains isolated during the 1981 Cuban epidemic. **Am J Trop Med Hyg**. 1995; 52(3): 241-6. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7694966>. Acesso em: 18 mai. 2019.

TORRES, N. G. Em Cuba desempolva acusações contra EEUU sobre guerra biológica. **El Nuevo Herald**, Miami, EUA, 07 fev. 2016. Disponível em: <https://www.elnuevoherald.com/noticias/mundo/america-latina/cuba-es/article59052438.html>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ZILINSKAS, R. A. Cuban Allegations of Biological Warfare by the United States: Assessing the Evidence, **Critical Reviews in Microbiology**, 1999, 25:3, 173-227.